

*Vinicius de Moraes*

---

# O caminho para a distância

**VINICIUS DE MORAES**

**O caminho para a distância**

1933

# Místico

O ar está cheio de murmúrios misteriosos  
E na névoa clara das coisas há um vago sentido de espiritualização...  
Tudo está cheio de ruídos sonolentos  
Que vêm do céu, que vêm do chão  
E que esmagam o infinito do meu desespero.

Através do tenuíssimo de névoa que o céu cobre  
Eu sinto a luz desesperadamente  
Bater no fosco da bruma que a suspende.  
As grandes nuvens brancas e paradas –  
Suspensas e paradas  
Como aves solícitas de luz –  
Ritmam interiormente o movimento da luz:  
Dão ao lago do céu  
A beleza plácida dos grandes blocos de gelo.

No olhar aberto que eu ponho nas coisas do alto  
Há todo um amor à divindade.  
No coração aberto que eu tenho para as coisas do alto  
Há todo um amor ao mundo.  
No espírito que eu tenho embebido das coisas do alto  
Há toda uma compreensão.

Almas que povoais o caminho de luz  
Que, longas, passeais nas noites lindas  
Que andais suspensas a caminhar no sentido da luz  
O que buscais, almas irmãs da minha?  
Por que vos arrastais dentro da noite murmurosa  
Com os vossos braços longos em atitude de êxtase?

Vedes alguma coisa  
Que esta luz que me ofusca esconde à minha visão?  
Sentis alguma coisa  
Que eu não sinta talvez?  
Por que as vossas mãos de nuvem e névoa  
Se espalmam na suprema adoração?  
É o castigo, talvez?

Eu já de há muito tempo vos espio  
Na vossa estranha caminhada.  
Como quisera estar entre o vosso cortejo  
Para viver entre vós a minha vida humana...  
Talvez, unido a vós, solto por entre vós  
Eu pudesse quebrar os grilhões que vos prendem...

Sou bem melhor que vós, almas acorrentadas  
Porque eu também estou acorrentado  
E nem vos passa, talvez, a idéia do auxílio.  
Eu estou acorrentado à noite murmurosa  
E não me libertais...  
Sou bem melhor que vós, almas cheias de humildade.  
Solta ao mundo, a minha alma jamais irá viver convosco.

Eu sei que ela já tem o seu lugar  
Bem junto ao trono da divindade  
Para a verdadeira adoração.

Tem o lugar dos escolhidos  
Dos que sofreram, dos que viveram e dos que compreenderam.

*Rio de Janeiro, 1933*

# O terceiro filho

Em busca dos irmãos que tinham ido  
Eu parti com pouco ouro e muita bênção  
Sob o olhar dos pais aflitos.  
Eu encontrei os meus irmãos  
Que a ira do Senhor transformou em pedra  
Mas ainda não encontrei o velho mendigo  
Que ficava na encruzilhada do bom e do mau caminho  
E que se parecia com Jesus de Nazaré...

*Rio de Janeiro, 1933*

# O único caminho

No tempo em que o Espírito habitava a terra  
E em que os homens sentiam na carne a beleza da arte  
Eu ainda não tinha aparecido.  
Naquele tempo as pombas brincavam com as crianças  
E os homens morriam na guerra cobertos de sangue.  
Naquele tempo as mulheres davam de dia o trabalho da palha e da lã  
E davam de noite, ao homem cansado, a volúpia amorosa do corpo.

Eu ainda não tinha aparecido.

No tempo que vinham mudando os seres e as coisas

Chegavam também os primeiros gritos da vinda do homem novo  
Que vinha trazer à carne um novo sentido de prazer  
E vinha expulsar o Espírito dos seres e das coisas.

Eu já tinha aparecido.

No caos, no horror, no parado, eu vi o caminho que ninguém via  
O caminho que só o homem de Deus pressente na treva.  
Eu quis fugir da perdição dos outros caminhos  
Mas eu caí.  
Eu não tinha como o homem de outrora a força da luta  
Eu não matei quando devia matar  
Eu cedi ao prazer e à luxúria da carne do mundo.  
Eu vi que o caminho se ia afastando da minha vista  
Se ia sumindo, ficando indeciso, desaparecendo.  
Quis andar para a frente.  
Mas o corpo cansado tombou ao beijo da última mulher que ficara.

Mas não.

Eu sei que a Verdade ainda habita minha alma  
E a alma que é da Verdade é como a raiz que é da terra.  
O caminho fugiu dos olhos do meu corpo  
Mas não desapareceu dos olhos do meu espírito  
Meu espírito sabe...

Ele sabe que longe da carne e do amor do mundo  
Fica a longa vereda dos destinados do profeta.  
Eu tenho esperanças, Senhor.  
Na verdade o que subsiste é o forte que luta  
O fraco que foge é a lama que corre do monte para o vale.  
A águia dos precipícios não é do beiral das casas  
Ela voa na tempestade e repousa na bonança.  
Eu tenho esperanças, Senhor.  
Tenho esperanças no meu espírito extraordinário  
E tenho esperança na minha alma extraordinária.  
O filho dos homens antigos  
Cujo cadáver não era possuído da terra

Há de um dia ver o caminho de luz que existe na treva  
E então, Senhor  
Ele há de caminhar de braços abertos, de olhos abertos  
Para o profeta que a sua alma ama mas que seu espírito ainda não possuiu.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Introspecção

Nuvens lentas passavam  
Quando eu olhei o céu.  
Eu senti na minha alma a dor do céu  
Que nunca poderá ser sempre calmo.

Quando eu olhei a árvore perdida  
Não vi ninhos nem pássaros.  
Eu senti na minha alma a dor da árvore  
Esgalhada e sozinha  
Sem pássaros cantando nos seus ninhos.

Quando eu olhei minha alma  
Vi a treva.  
Eu senti no céu e na árvore perdida  
A dor da treva que vive na minha alma.

*Rio de Janeiro, 1933*

# Inatingível

O que sou eu, gritei um dia para o infinito  
E o meu grito subiu, subiu sempre  
Até se diluir na distância.  
Um pássaro no alto planou vôo  
E mergulhou no espaço.  
Eu segui porque tinha que seguir  
Com as mãos na boca, em concha  
Gritando para o infinito a minha dúvida.

Mas a noite espiava a minha dúvida  
E eu me deitei à beira do caminho  
Vendo o vulto dos outros que passavam  
Na esperança da aurora.  
Eu continuo à beira do caminho  
Vendo a luz do infinito  
Que responde ao peregrino a imensa dúvida.

Eu estou moribundo à beira do caminho.  
O dia já passou milhões de vezes  
E se aproxima a noite do desfecho.  
Morrerei gritando a minha ânsia  
Clamando a crueldade do infinito  
E os pássaros cantarão quando o dia chegar  
E eu já hei de estar morto à beira do caminho.

*Rio de Janeiro, 1933*



# Revolta

Alma que sofres pavorosamente  
A dor de seres privilegiada  
Abandona o teu pranto, sê contente  
Antes que o horror da solidão te invada.

Deixa que a vida te possua ardente  
Ó alma supremamente desgraçada.  
Abandona, águia, a inóspita morada  
Vem rastejar no chão como a serpente.

De que te vale o espaço se te cansa?  
Quanto mais sobes mais o espaço avança...  
Desce ao chão, águia audaz, que a noite é fria.

Volta, ó alma, ao lugar de onde partiste  
O mundo é bom, o espaço é muito triste...  
Talvez tu possas ser feliz um dia.

*Rio de Janeiro, 1933*

# Ânsia

Na treva que se fez em torno a mim  
Eu vi a carne.  
Eu senti a carne que me afogava o peito  
E me trazia à boca o beijo maldito.  
Eu gritei.  
De horror eu gritei que a perdição me possuía a alma  
E ninguém me atendeu.  
Eu me debati em ânsias impuras  
A treva ficou rubra em torno a mim  
E eu caí!

As horas longas passaram.  
O pavor da morte me possuiu.  
No vazio interior ouvi gritos lúgubres  
Mas a boca beijada não respondeu aos gritos.

Tudo quebrou na prostração.

O movimento da treva cessou ante mim.

A carne fugiu  
Desapareceu devagar, sombria, indistinta  
Mas na boca ficou o beijo morto.  
A carne desapareceu na treva  
E eu senti que desaparecia na dor  
Que eu tinha a dor em mim como tivera a carne  
Na violência da posse.

Olhos que olharam a carne  
Por que chorais?  
Chorais talvez a carne que foi  
Ou chorais a carne que jamais voltará?  
Lábios que beijaram a carne  
Por que tremeis?  
Não vos bastou o afago de outros lábios  
Tremeis pelo prazer que eles trouxeram  
Ou tremeis no balbúcio da oração?

Carne que possui a carne  
Onde o frio?  
Lá fora a noite é quente e o vento é tépido  
Gritam luxúria nesse vento  
Onde o frio?

Pela noite quente eu caminhei...  
Caminhei sem rumo, para o ruído longínquo  
Que eu ouvia, do mar.  
Caminhei talvez para a carne  
Que vira fugir de mim.

No desespero das árvores paradas busquei consolação  
E no silêncio das folhas que caíam senti o ódio  
Nos ruídos do mar ouvi o grito de revolta  
E de pavor fugi.

Nada mais existe para mim  
Só talvez tu, Senhor.  
Mas eu sinto em mim o aniquilamento...

Dá-me apenas a aurora, Senhor  
Já que eu não poderei jamais ver a luz do dia.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Velha história**

Depois de atravessar muitos caminhos  
Um homem chegou a uma estrada clara e extensa  
Cheia de calma e luz.  
O homem caminhou pela estrada afora  
Ouvindo a voz dos pássaros e recebendo a luz forte do sol

Com o peito cheio de cantos e a boca farta de risos.  
O homem caminhou dias e dias pela estrada longa  
Que se perdia na planície uniforme.  
Caminhou dias e dias...  
Os únicos pássaros voaram  
Só o sol ficava  
O sol forte que lhe queimava a fronte pálida.  
Depois de muito tempo ele se lembrou de procurar uma fonte  
Mas o sol tinha secado todas as fontes.  
Ele perscrutou o horizonte  
E viu que a estrada ia além, muito além de todas as coisas.  
Ele perscrutou o céu  
E não viu nenhuma nuvem.

E o homem se lembrou dos outros caminhos.  
Eram difíceis, mas a água cantava em todas as fontes  
Eram íngremes, mas as flores embalsamavam o ar puro  
Os pés sangravam na pedra, mas a árvore amiga velava o sono.  
Lá havia tempestade e havia bonança  
Havia sombra e havia luz.

O homem olhou por um momento a estrada clara e deserta  
Olhou longamente para dentro de si  
E voltou.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Purificação**

Senhor, logo que eu vi a natureza  
As lágrimas secaram.  
Os meus olhos pousados na contemplação  
Viveram o milagre de luz que explodia no céu.

Eu caminhei, Senhor.  
Com as mãos espalmadas eu caminhei para a massa de seiva  
Eu, Senhor, pobre massa sem seiva  
Eu caminhei.  
Nem senti a derrota tremenda  
Do que era mau em mim.  
A luz cresceu, cresceu interiormente  
E toda me envolveu.

A ti, Senhor, gritei que estava puro  
E na natureza ouvi a tua voz.  
Pássaros cantaram no céu  
Eu olhei para o céu e cantei e cantei.  
Senti a alegria da vida  
Que vivia nas flores pequenas  
Senti a beleza da vida  
Que morava na luz e morava no céu  
E cantei e cantei.

A minha voz subiu até ti, Senhor  
E tu me deste a paz.  
Eu te peço, Senhor  
Guarda meu coração no teu coração  
Que ele é puro e simples.  
Guarda a minha alma na tua alma  
Que ela é bela, Senhor.  
Guarda o meu espírito no teu espírito  
Porque ele é a minha luz  
E porque só a ti ele exalta e ama.

*Rio de Janeiro, 1933*

# Sacrifício

Num instante foi o sangue, o horror, a morte na lama do chão.  
– Segue, disse a voz. E o homem seguiu, impávido  
Pisando o sangue do chão, vibrando, na luta.  
No ódio do monstro que vinha  
Abatendo com o peito a miséria que vivia na terra  
O homem sentiu a própria grandeza  
E gritou que o heroísmo é das almas incompreendidas.

Ele avançou.  
Com o fogo da luta no olhar ele avançou sozinho.  
As únicas estrelas que restavam no céu  
Desapareceram ofuscadas ao brilho fictício da lua.  
O homem sozinho, abandonado na treva  
Gritou que a treva é das almas traídas  
E que o sacrifício é a luz que redime.

Ele avançou.  
Sem temer ele olhou a morte que vinha  
E viu na morte o sentido da vitória do Espírito.  
No horror do choque tremendo  
Aberto em feridas o peito  
O homem gritou que a traição é da alma covarde  
E que o forte que luta é como o raio que fere  
E que deixa no espaço o estrondo da sua vinda.

No sangue e na lama  
O corpo sem vida tombou.  
Mas nos olhos do homem caído

Havia ainda a luz do sacrifício que redime  
E no grande Espírito que adejava o mar e o monte  
Mil vozes clamavam que a vitória do homem forte tombado na luta  
Era o novo Evangelho para o homem da paz que lavra no campo.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **A floresta**

Sobre o dorso possante do cavalo  
Banhado pela luz do sol nascente  
Eu penetrei o atalho, na floresta.  
Tudo era força ali, tudo era força  
Força ascencional da natureza.  
A luz que em torvelinhos despenhava  
Sobre a coma verdíssima da mata  
Pelos claros das árvores entrava  
E desenhava a terra de arabescos.  
Na vertigem suprema do galope  
Pelos ouvidos, doces, perpassavam  
Cantos selvagens de aves indolentes.  
A branda aragem que do azul descia  
E nas folhas das árvores brincava  
Trazia à boca um gosto saboroso  
De folha verde e nova e seiva bruta.  
Vertiginosamente eu caminhava  
Bêbado da frescura da montanha  
Bebendo o ar estranguladamente.  
Às vezes, a mão firme apaziguava  
O impulso ardente do animal feroso

Para ouvir de mais perto o canto suave  
De alguma ave de plumagem rica  
E após, soltando as rédeas ao cavalo  
Ia de novo loucamente à brisa.

De repente parei. Longe, bem longe  
Um ruído indeciso, informe ainda  
Vinha às vezes, trazido pelo vento.  
Apenas branda aragem perpassava  
E pelo azul do céu, nenhuma nuvem.  
Que seria? De novo caminhando  
Mais distinto escutava o estranho ruído  
Como que o ronco baixo e surdo e cavo  
De um gigante de lenda adormecido.

A cachoeira, Senhor! A cachoeira!  
Era ela. Meu Deus, que majestade!  
Desmontei. Sobre a borda da montanha  
Vendo a água lançando-se em peitadas  
Em contorsões, em doidos torvelinhos  
Sobre o rio dormente e marulhoso  
Eu tive a estranha sensação da morte.

Em cima o rio vinha espumejante  
Apertando entre as pedras pardacentas  
Rápido e se sacudindo em branca espuma.  
De repente era o vácuo embaixo, o nada  
A queda célere e desamparada  
A vertigem do abismo, o horror supremo  
A água caindo, apavorada, cega  
Como querendo se agarrar nas pedras  
Mas caindo, caindo, na voragem  
E toda se estilhaçando, espumecente.

Lá fiquei longo tempo sobre a rocha  
Ouvindo o grande grito que subia  
Cheio, eu também, de gritos interiores.



Lá fiquei, só Deus sabe quanto tempo  
Sufocando no peito o sofrimento  
Caudal de dor atroz e inapagável  
Bem mais forte e selvagem do que a outra.  
Feita ela toda de esperança  
De não poder sentir a natureza  
Com o espírito em Deus que a fez tão bela.

Quando voltei, já vinha o sol mais alto  
E alta vinha a tristeza no meu peito.  
Eu caminhei. De novo veio o vento  
Os pássaros cantaram novamente  
De novo o aroma rude da floresta  
De novo o vento. Mas eu nada via.  
Eu era um ser qualquer que ali andava  
Que vinha para o ponto de onde viera  
Sem sentido, sem luz, sem esperança  
Sobre o dorso cansado de um cavalo.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Tarde

Na hora dolorosa e roxa das emoções silenciosas  
Meu espírito te sentiu.  
Ele te sentiu imensamente triste  
Imensamente sem Deus  
Na tragédia da carne desfeita.

Ele te quis, hora sem tempo

Porque tu eras a sua imagem, sem Deus e sem tempo.  
Ele te amou  
E te plasmou na visão da manhã e do dia  
Na visão de todas as horas  
Ó hora dolorosa e roxa das emoções silenciosas.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Rua da amargura

A minha rua é longa e silenciosa como um caminho que foge  
E tem casas baixas que ficam me espiando de noite  
Quando a minha angústia passa olhando o alto.  
A minha rua tem avenidas escuras e feias  
De onde saem papéis velhos correndo com medo do vento  
E gemidos de pessoas que estão eternamente à morte.  
A minha rua tem gatos que não fogem e cães que não ladram  
Tem árvores grandes que tremem na noite silente  
Fugindo as grandes sombras dos pés aterrados.  
A minha rua é soturna...  
Na capela da igreja há sempre uma voz que murmura louvemos  
Sozinha e prostrada diante da imagem  
Sem medo das costas que a vaga penumbra apunhala.  
A minha rua tem um lampião apagado  
Na frente da casa onde a filha matou o pai  
Porque não queria ser dele.  
No escuro da casa só brilha uma chapa gritando quarenta.

A minha rua é a expiação de grandes pecados  
De homens ferozes perdendo meninas pequenas

De meninas pequenas levando ventres inchados  
De ventres inchados que vão perder meninas pequenas.  
É a rua da gata louca que mia buscando os filhinhos nas portas das casas.

É a impossibilidade de fuga diante da vida  
É o pecado e a desolação do pecado  
É a aceitação da tragédia e a indiferença ao degredo  
Como negação do aniquilamento.

É uma rua como tantas outras  
Com o mesmo ar feliz de dia e o mesmo desencontro de noite.  
É a rua por onde eu passo a minha angústia  
Ouvindo os ruídos subterrâneos como ecos de prazeres inacabados.  
É a longa rua que me leva ao horror do meu quarto  
Pelo desejo de fugir à sua murmuração tenebrosa  
Que me leva à solidão gelada do meu quarto...

Rua da amargura...

*Rio de Janeiro, 1933*

## Vigília

Eu às vezes acordo e olho a noite estrelada  
E sofro doidamente.  
A lágrima que brilha nos meus olhos  
Possui por um segundo a estrela que brilha no céu.  
Eu sofro no silêncio  
Olhando a noite que dorme iluminada

Pavorosamente acordado à dor e ao silêncio  
Pavorosamente acordado!  
Tudo em mim sofre.  
Ao peito opresso não basta o ar embalsamado da noite  
Ao coração esmagado não basta a lágrima triste que desce,  
E ao espírito aturdido não basta a consolação do sofrimento.  
Há qualquer coisa fora de mim, não sei, no vago  
Como que uma presença indefinida  
Que eu sinto mas não tenho.

Meu sofrimento é o maior de todos os sentimentos  
Porque ele não precisou a visão que flutua  
E não a precisará jamais.  
A dor estará em mim e eu estarei na dor  
Em todas as minhas vigílias...  
Eu sofrerei até o último dia  
Porque será meu último dia o último dia da minha mocidade.

*Rio de Janeiro, 1933*

## O poeta

A vida do poeta tem um ritmo diferente  
É um contínuo de dor angustiante.  
O poeta é o destinado do sofrimento  
Do sofrimento que lhe clareia a visão de beleza  
E a sua alma é uma parcela do infinito distante  
O infinito que ninguém sonda e ninguém compreende.

Ele é o eterno errante dos caminhos

Que vai, pisando a terra e olhando o céu  
Preso pelos extremos intangíveis  
Clareando como um raio de sol a paisagem da vida.  
O poeta tem o coração claro das aves  
E a sensibilidade das crianças.  
O poeta chora.  
Chora de manso, com lágrimas doces, com lágrimas tristes  
Olhando o espaço imenso da sua alma.  
O poeta sorri.  
Sorri à vida e à beleza e à amizade  
Sorri com a sua mocidade a todas as mulheres que passam.  
O poeta é bom.  
Ele ama as mulheres castas e as mulheres impuras  
Sua alma as compreende na luz e na lama  
Ele é cheio de amor para as coisas da vida  
E é cheio de respeito para as coisas da morte.  
O poeta não teme a morte.  
Seu espírito penetra a sua visão silenciosa  
E a sua alma de artista possui-a cheia de um novo mistério.  
A sua poesia é a razão da sua existência  
Ela o faz puro e grande e nobre  
E o consola da dor e o consola da angústia.

A vida do poeta tem um ritmo diferente  
Ela o conduz errante pelos caminhos, pisando a terra e olhando o céu  
Preso, eternamente preso pelos extremos intangíveis.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Mormaço**

No silêncio morno das coisas do meio-dia  
Eu me esvaio no aniquilamento dos agudíssimos do violino  
Que a menina pálida estuda há anos sem compreender.  
Eu sinto o letargo das dissonâncias harmônicas  
Do vendedor de modinhas e da pedra do amolador  
Que trazem a visão de mulheres macilentas dançando no espaço  
Na moleza das espatifadas da carne.

Eu vou pouco a pouco adormecendo  
Sentindo os gritos do violino que penetram em todas as frestas  
E ressecam os lábios entreabertos na respiração  
Mas que dão a impressão da mediocridade feliz e boa.

Que importa que a imagem do Cristo pregada na parede seja a verdade...

Eu sinto que a verdade é a grande calma do sono  
Que vem com o cantar longínquo dos galos  
E que me esmaga nos cílios longos beijos luxuriosos...

Eu sinto a queda de tudo na lassidão...  
Adormeço aos poucos na apatia dos ruídos da rua  
E na constância nostálgica da tosse do vizinho tuberculoso  
Que há um ano espera a morte que eu morro no sono do meio-dia.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Romanza**

Branca mulher de olhos claros  
De olhar branco e luminoso

Que tinhas luz nas pupilas  
E luz nos cabelos louros  
Onde levou-te o destino  
Que te afastou para longe  
Da minha vista sem vida  
Da minha vida sem vista?

Andavas sempre sozinha  
Sem cão, sem homem, sem Deus  
Eu te seguia sozinho  
Sem cão, sem mulher, sem Deus  
Eras a imagem de um sonho  
A imagem de um sonho eu era  
Ambos levando a tristeza  
Dos que andam em busca do sonho.

Ias sempre, sempre andando  
E eu ia sempre seguindo  
Pisando na tua sombra  
Vendo-a às vezes se afastar  
Nem sabias quem eu era  
Não te assustavam meus passos  
Tu sempre andando na frente  
Eu sempre atrás caminhando.

Toda a noite em minha casa  
Passavas na caminhada  
Eu te esperava e seguia  
Na proteção do meu passo  
E após o curto caminho  
Da praia de ponta a ponta  
Entravas na tua casa  
E eu ia, na caminhada.

Eu te amei, mulher serena  
Amei teu vulto distante  
Amei teu passo elegante

E a tua beleza clara  
Na noite que sempre vinha  
Mas sempre custava tanto  
Eu via a hora suprema  
Das horas da minha vida.

Eu te seguia e sonhava  
Sonhava que te seguia  
Esperava ansioso o instante  
De defender-te de alguém

E então meu passo mais forte  
Dizia: quero falar-te  
E o teu, mais brando, dizia:  
Se queres destruir... vem.

Eu ficava. E te seguia  
Pelo deserto da praia  
Até avistar a casa  
Pequena e branca da esquina.  
Entravas. Por um momento

Esperavas que eu passasse  
Para o olhar de boa-noite  
E o olhar de até-amanhã.

Uma noite... não passaste.  
Esperei-te ansioso, inquieto  
Mas não vieste. Por quê?

Foste embora? Procuraste  
O amor de algum outro passo  
Que em vez de seguir-te sempre  
Andasse sempre ao teu lado?

Eu ando agora sozinho  
Na praia longa e deserta



Eu ando agora sozinho  
Por que fugiste? Por quê?  
Ao meu passo solitário  
Triste e incerto como nunca  
Só responde a voz das ondas  
Que se esfacelam na areia.

Branca mulher de olhos claros  
Minha alma ainda te deseja  
Traz ao meu passo cansado  
A alegria do teu passo  
Onde levou-te o destino  
Que te afastou para longe  
Da minha vista sem vida  
Da minha vida sem vista?

*Rio de Janeiro, 1933*

## Suspensão

Fora de mim, fora de nós, no espaço, no vago  
A música dolente de uma valsa  
Em mim, profundamente em mim  
A música dolente do teu corpo  
E em tudo, vivendo o momento de todas as coisas  
A música da noite iluminada.  
O ritmo do teu corpo no meu corpo...  
O giro suave da valsa longínqua, da valsa suspensa...  
Meu peito vivendo teu peito

Meus olhos bebendo teus olhos, bebendo teu rosto  
E a vontade de chorar que vinha de todas as coisas.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Vazio

A noite é como um olhar longo e claro de mulher.  
Sinto-me só.  
Em todas as coisas que me rodeiam  
Há um desconhecimento completo da minha infelicidade.  
A noite alta me espia pela janela  
E eu, desamparado de tudo, desamparado de mim próprio  
Olho as coisas em torno  
Com um desconhecimento completo das coisas que me rodeiam.  
Vago em mim mesmo, sozinho, perdido  
Tudo é deserto, minha alma é vazia  
E tem o silêncio grave dos templos abandonados.  
Eu espio a noite pela janela  
Ela tem a quietação maravilhosa do êxtase.  
Mas os gatos embaixo me acordam gritando luxúrias  
E eu penso que amanhã...  
Mas a gata vê na rua um gato preto e grande  
E foge do gato cinzento.  
Eu espio a noite maravilhosa  
Estranha como um olhar de carne.  
Vejo na grade o gato cinzento olhando os amores da gata e do gato preto  
Perco-me por momentos em antigas aventuras  
E volto à alma vazia e silenciosa que não acorda mais  
Nem à noite clara e longa como um olhar de mulher  
Nem aos gritos luxuriosos dos gatos se amando na rua.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Quietação

No espaço claro e longo  
O silêncio é como uma penetração de olhares calmos...  
Eu sinto tudo pousado dentro da noite  
E chega até mim um lamento contínuo de árvores curvas.  
Como desesperados de melancolia  
Uivam na estrada cães cheios de lua.  
O silêncio pesado que desce  
Curva todas as coisas religiosamente  
E o murmúrio que sobe é como uma oração da noite...

Eu penso em ti.  
Minha boca ciciza longamente o teu nome  
E eu busco sentir no ar o aroma morno da tua carne.  
Vejo-te ainda na visão que te precisou no espaço  
Ouvindo de olhos dolentes as palavras de amor que eu te dizia  
Fora do tempo, fora da vida, na cessação suprema do instante  
Ouvindo, junta de mim, a angústia apaixonada da minha voz  
Num desfalecimento.  
Pelo espaço claro e longo  
Vibra a luz branca das estrelas.  
Nem uma aragem, tudo parado, tudo silêncio  
Tudo imensamente repousado.  
E eu cheio de tristeza, sozinho, parado  
Pensando em ti.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Olhos mortos**

Algum dia esses olhos que beijavas tanto  
Numa carícia sem mistérios  
Olharão para o céu e pararão.  
Nesse dia nem o teu beijo angelizante  
Poderá novamente despertá-los.  
A luz que lhes boiava nas pupilas  
Tu a verás talvez na face magra  
Do Cristo prisioneiro entre as mãos crispadas.  
Eles serão brancos – a imagem desse céu alto e suspenso  
Que foi a sua última visão.  
Eles não te dirão mais nada.  
Não te falarão aquela linguagem extraordinária  
Que te repousava como uma música longínqua.  
Não olharão mais nada que uma distância qualquer, longe  
Uma distância que nem tu nem ninguém saberá qual é.  
Eles estarão abertos, compreensivos da morte, parados  
Nem tu conseguirás mais despertá-los.  
E eu te peço – tu que tanto amavas repousá-los  
Com a luz clara do teu olhar sem martírios –  
Não os prendas à angústia triste do teu pranto.  
Silêncio... silêncio... Beija-os ainda e vai...  
Deixa-os fitando eternamente o céu.

*Rio de Janeiro, 1933*

# A esposa

Às vezes, nessas noites frias e enevoadas  
Onde o silêncio nasce dos ruídos monótonos e mansos  
Essa estranha visão de mulher calma  
Surgindo do vazio dos meus olhos parados  
Vem espiar minha imobilidade.

E ela fica horas longas, horas silenciosas  
Somente movendo os olhos serenos no meu rosto  
Atenta, à espera do sono que virá e me levará com ele.  
Nada diz, nada pensa, apenas olha – e o seu olhar é como a luz  
De uma estrela velada pela bruma.  
Nada diz. Olha apenas as minhas pálpebras que descem  
Mas que não vencem o olhar perdido longe.  
Nada pensa. Virá e agasalhará minhas mãos frias  
Se sentir frias suas mãos.

Quando a porta ranger e a cabecinha de criança  
Aparecer curiosa e a voz clara chamá-la num reclamo  
Ela apontará para mim pondo o dedo nos lábios  
Sorrindo de um sorriso misterioso  
E se irá num passo leve  
Após o beijo leve e roçagante...

Eu só verei a porta que se vai fechando brandamente...  
Ela terá ido, a esposa amiga, a esposa que eu nunca terei.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **A que há de vir**

Aquela que dormirá comigo todas as luas  
É a desejada de minha alma.  
Ela me dará o amor do seu coração  
E me dará o amor da sua carne.

Ela abandonará pai, mãe, filho, esposo  
E virá a mim com os peitos e virá a mim com os lábios  
Ela é a querida da minha alma  
Que me fará longos carinhos nos olhos  
Que me beijará longos beijos nos ouvidos  
Que rirá no meu pranto e rirá no meu riso.  
Ela só verá minhas alegrias e minhas tristezas  
Temerá minha cólera e se aninhará no meu sossego  
Ela abandonará filho e esposo  
Abandonará o mundo e o prazer do mundo  
Abandonará Deus e a Igreja de Deus  
E virá a mim me olhando de olhos claros  
Se oferecendo à minha posse  
Rasgando o véu da nudez sem falso pudor  
Cheia de uma pureza luminosa.  
Ela é a amada sempre nova do meu coração  
Ela ficará me olhando calada  
Que ela só crerá em mim  
Far-me-á a razão suprema das coisas.  
Ela é a amada da minha alma triste  
É a que dará o peito casto

Onde os meus lábios pousados viverão a vida do seu coração  
Ela é a minha poesia e a minha mocidade  
É a mulher que se guardou para o amado de sua alma  
Que ela sentia vir porque ia ser dela e ela dele.

Ela é o amor vivendo de si mesmo.  
É a que dormirá comigo todas as luas  
E a quem eu protegerei contra os males do mundo.

Ela é a anunciada da minha poesia  
Que eu sinto vindo a mim com os lábios e com os peitos  
E que será minha, só minha, como a força é do forte e a poesia é do poeta.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Carne

Que importa se a distância estende entre nós léguas e léguas  
Que importa se existe entre nós muitas montanhas?  
O mesmo céu nos cobre  
E a mesma terra liga nossos pés.  
No céu e na terra é tua carne que palpita  
Em tudo eu sinto o teu olhar se desdobrando  
Na carícia violenta do teu beijo.  
Que importa a distância e que importa a montanha  
Se tu és a extensão da carne  
Sempre presente?

*Rio de Janeiro, 1933*

# Desde sempre

Na minha frente, no cinema escuro e silencioso  
Eu vejo as imagens musicalmente rítmicas  
Narrando a beleza suave de um drama de amor.  
Atrás de mim, no cinema escuro e silencioso  
Ouço vozes surdas, viciadas  
Vivendo a miséria de uma comédia de carne.  
Cada beijo longo e casto do drama  
Corresponde a cada beijo ruidoso e sensual da comédia  
Minha alma recolhe a carícia de um  
E a minha carne a brutalidade do outro.  
Eu me angustio.  
Desespera-me não me perder da comédia ridícula e falsa  
Para me integrar definitivamente no drama.  
Sinto a minha carne curiosa prendendo-me às palavras implorantes  
Que ambos se trocam na agitação do sexo.  
Tento fugir para a imagem pura e melodiosa  
Mas ouço terrivelmente tudo  
Sem poder tapar os ouvidos.  
Num impulso fujo, vou para longe do casal impudico  
Para somente poder ver a imagem.  
Mas é tarde. Olho o drama sem mais penetrar-lhe a beleza  
Minha imaginação cria o fim da comédia que é sempre o mesmo fim  
E me penetra a alma uma tristeza infinita  
Como se para mim tudo tivesse morrido.

*Rio de Janeiro, 1933*



# A uma mulher

Quando a madrugada entrou eu estendi o meu peito nu sobre o teu peito  
Estavas trêmula e teu rosto pálido e tuas mãos frias  
E a angústia do regresso morava já nos teus olhos.  
Tive piedade do teu destino que era morrer no meu destino  
Quis afastar por um segundo de ti o fardo da carne  
Quis beijar-te num vago carinho agradecido.  
Mas quando meus lábios tocaram teus lábios  
Eu compreendi que a morte já estava no teu corpo  
E que era preciso fugir para não perder o único instante  
Em que foste realmente a ausência de sofrimento  
Em que realmente foste a serenidade.

*Rio de Janeiro, 1933*

# Vinte anos

Pela campina as borboletas se amam ao estrépito das asas.  
Tudo quietação de folhas. E um sol frio  
Interiorizando as almas.  
Mergulhado em mim mesmo, com os olhos errando na campina  
Eu me lembro da minha juventude.  
Penso nela como os velhos na mocidade distante:  
– Na minha juventude...

Eu fui feliz nesse passado grato

Viviam então em mim forças que já me faltam.  
Possuía a mesma sinceridade nos bons e maus sentimentos.  
Aos frenesis da carne se sucediam os grandes misticismos quietos.  
Era um pequeno condor que ama as alturas  
E tem confiança nas garras.  
Tinha fé em Deus e em mim mesmo  
Confessava-me todo domingo  
E tornava a pecar toda segunda-feira  
Tinha paixão por mulheres casadas  
E fazia sonetos sentimentais e realistas  
Que catalogava num grande livro preto  
A que tinha posto o nome de Foederis Arca.

A minha juventude...  
Onde eu seguia ansioso Tartarin pelos Alpes  
E Júlio Verne foi o mais audaz de todos os cérebros...  
Onde Mr. Pickwick era a alegria das noites de frio  
E Athos o mais perfeito de todos os homens...  
A minha juventude  
Onde Cervantes não era o filósofo de D. Quixote...

A minha juventude  
E a noite passada em claro chorando Jean Valjean que Victor Hugo  
matara...  
Como vai longe tudo!  
Pesa-me como uma sufocação meus próximos vinte anos  
E esta experiência das coisas que aumenta a cada dia.  
Medo de ser jovem agora e ser ridículo  
Medo da morte futura que a minha juventude desprezava  
Medo de tudo, medo de mim próprio  
Do tédio das vigílias e do tédio dos dias...  
Virá para mim uma velhice como vem para os outros  
Que me dissecará na experiência?

Da campina verde voaram as borboletas...

Só a quietação das folhas  
E o meu turbilhão de pensamentos.

## Velhice

Virá o dia em que eu hei de ser um velho experiente  
Olhando as coisas através de uma filosofia sensata  
E lendo os clássicos com a afeição que a minha mocidade não permite.  
Nesse dia Deus talvez tenha entrado definitivamente em meu espírito  
Ou talvez tenha saído definitivamente dele.  
Então todos os meus atos serão encaminhados no sentido do túmulo  
E todas as idéias autobiográficas da mocidade terão desaparecido:  
Ficará talvez somente a idéia do testamento bem escrito.  
Serei um velho, não terei mocidade, nem sexo, nem vida  
Só terei uma experiência extraordinária.  
Fecharei minha alma a todos e a tudo  
Passará por mim muito longe o ruído da vida e do mundo  
Só o ruído do coração doente me avisará de uns restos de vida em mim.  
Nem o cigarro da mocidade restará.  
Será um cigarro forte que satisfará os pulmões viciados  
E que dará a tudo um ar saturado de velhice.  
Não escreverei mais a lápis  
E só usarei pergaminhos compridos.  
Terei um casaco de alpaca que me fechará os olhos.  
Serei um corpo sem mocidade, inútil, vazio  
Cheio de irritação para com a vida  
Cheio de irritação para comigo mesmo.

O eterno velho que nada é, nada vale, nada teve  
O velho cujo único valor é ser o cadáver de uma mocidade criadora.

*Rio de Janeiro, 1933*

# Fim

Será que cheguei ao fim de todos os caminhos  
E só resta a possibilidade de permanecer?  
Será a Verdade apenas um incentivo à caminhada  
Ou será ela a própria caminhada?  
Terão mentido os que surgiram da treva e gritaram – Espírito!  
E gritaram – Coragem!  
Rasgarei as mãos nas pedras da enorme muralha  
Que fecha tudo à libertação?  
Lançarei meu corpo à vala comum dos falidos  
Ou cairei lutando contra o impossível que antolha-me os passos  
Apenas pela glória de tombar lutando?

Será que eu cheguei ao fim de todos os caminhos...  
Ao fim de todos os caminhos?

*Rio de Janeiro, 1933*

# Extensão

Eu busquei encontrar na extensão um caminho  
Um caminho qualquer para qualquer lugar.

Eu segui ao sabor de todos os ventos  
Mas somente a extensão.

Chorei. Prostrado na terra eu olhei para o céu  
E pedi ao Senhor o caminho da fé.  
Noites e noites foram-se em silêncio  
E somente a extensão.

Quis morrer. Talvez a terra fosse o único caminho  
E à terra me abracei esperando o meu fim  
Porém tudo era terra e eu não quis mais a terra  
Que era a grande extensão.

Quis viver. E em mim mesmo eu busquei o caminho  
Na ansiedade de uma última esperança  
Eu olhei – e volvi à extensão desesperado  
Era tudo extensão.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Minha mãe**

Minha mãe, minha mãe, eu tenho medo  
Tenho medo da vida, minha mãe.  
Canta a doce cantiga que cantavas  
Quando eu corria doido ao teu regaço  
Com medo dos fantasmas do telhado.  
Nina o meu sono cheio de inquietude  
Batendo de levinho no meu braço  
Que estou com muito medo, minha mãe.  
Repousa a luz amiga dos teus olhos

Nos meus olhos sem luz e sem repouso  
Dize à dor que me espera eternamente  
Para ir embora. Expulsa a angústia imensa  
Do meu ser que não quer e que não pode  
Dá-me um beijo na fronte dolorida  
Que ela arde de febre, minha mãe.

Aninha-me em teu colo como outrora  
Dize-me bem baixo assim: – Filho, não temas  
Dorme em sossego, que tua mãe não dorme.  
Dorme. Os que de há muito te esperavam  
Cansados já se foram para longe.  
Perto de ti está tua mãezinha  
Teu irmão, que o estudo adormeceu  
Tuas irmãs pisando de levinho  
Para não despertar o sono teu.  
Dorme, meu filho, dorme no meu peito  
Sonha a felicidade. Velo eu.

Minha mãe, minha mãe, eu tenho medo  
Me apavora a renúncia. Dize que eu fique  
Dize que eu parta, ó mãe, para a saudade.  
Afugenta este espaço que me prende  
Afugenta o infinito que me chama  
Que eu estou com muito medo, minha mãe.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Solidão**

Desesperança das desesperanças...  
Última e triste luz de uma alma em treva...  
– A vida é um sonho vão que a vida leva  
Cheio de dores tristemente mansas.

– É mais belo o fulgor do céu que neva  
Que os esplendores fortes das bonanças  
Mais humano é o desejo que nos ceva  
Que as gargalhadas claras das crianças.

Eu sigo o meu caminho incompreendido  
Sem crença e sem amor, como um perdido  
Na certeza cruel que nada importa.

Às vezes vem cantando um passarinho  
Mas passa. E eu vou seguindo o meu caminho  
Na tristeza sem fim de uma alma morta.

*Rio de Janeiro, 1933*

## Os inconsoláveis

Desesperados vamos pelos caminhos desertos  
Sem lágrimas nos olhos  
Desesperados buscamos constelações no céu enorme  
E em tudo, a escuridão.  
Quem nos levará à claridade  
Quem nos arrancará da visão a treva imóvel  
E falará da aurora prometida?  
Procuramos em vão na multidão que segue  
Um olhar que encoraje nosso olhar  
Mas todos procuramos olhos esperançosos  
E ninguém os encontra.

Aos que vêm a nós cheios de angústia  
Mostramos a chaga interior sangrando angústias  
E eles lá se vão sofrendo mais.  
Aos que vamos em busca de alegria  
Mostramos a tristeza de nós mesmos  
E eles sofrem, que eles são os infelizes  
Que eles são os sem-consolo...

Quando virá o fim da noite  
Para as almas que sofrem no silêncio?  
Por que roubar assim a claridade  
Aos pássaros da luz?  
Por que fechar assim o espaço eterno  
Às águias gigantescas?  
Por que encadear assim à terra  
Espíritos que são do imensamente alto?

Ei-la que vai, a procissão das almas  
Sem gritos, sem prantos, cheia do silêncio do sofrimento  
Andando pela infinita planície que leva ao desconhecido  
As bocas dolorosas não cantam  
Porque os olhos parados não vêem.  
Tudo neles é a paralisação da dor no paroxismo  
Tudo neles é a negação do anjo... ...são os Inconsoláveis.

– Águias acorrentadas pelos pés.

*Rio de Janeiro, 1933*



# O bom pastor

Amo andar pelas tardes sem som, brandas, maravilhosas  
Com riscos de andorinhas pelo céu.  
Amo ir solitário pelos caminhos  
Olhando a tarde parada no tempo  
Parada no céu como um pássaro em vôo  
E que vem de asas largas se abatendo.  
Amo desvendar a vaga penumbra que desce  
Amo sentir o ar sem movimento, a luz sem vida  
Tudo interiorizado, tudo paralisado na oração calma...

Amo andar nessas tardes...  
Sinto-me penetrando o sereno vazio de tudo  
Como um raio de luz.  
Cresco, projeto-me ao infinito, agitando  
Para consolar as árvores angustiadas  
E acalmar os pinheiros moribundos.  
Desço aos vales como uma sombra de montanha  
Buscando poesia nos rios parados.  
Sou como o bom-pastor da natureza  
Que recolhe a alma do seu rebanho  
No agasalho da sua alma...

E amo voltar  
Quando tudo não é mais que uma saudade  
Do momento suspenso que foi...  
Amo voltar quando a noite palpita  
Nas primeiras estrelas claras...  
Amo vir com a aragem que começa a descer das montanhas  
Trazendo cheiros agrestes de selva...  
E pelos caminhos já percorridos, voltando com a noite  
Amo sonhar...

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Sonoridade**

Meus ouvidos pousam na noite dormente como aves calmas  
Há iluminações no céu se desfazendo...  
O grilo é um coração pulsando no sono do espaço  
E as folhas farfalham um murmúrio de coisas passadas  
Devagarinho...  
Em árvores longínquas pássaros sonâmbulos pipilam  
E águas desconhecidas escorrem sussurros brancos na treva.  
Na escuta meus olhos se fecham, meus lábios se oprimem  
Tudo em mim é o instante de percepção de todas as vibrações.  
Pela reta invisível os galos são vigilantes que gritam sossego  
Mais forte, mais fraco, mais brando, mais longe, sumindo  
Voltando, mais longe, mais brando, mais fraco, mais forte.  
Batidos distantes de passos caminham no escuro sem almas  
Amantes que voltam...

Pouco a pouco todos os ruídos se vão penetrando como dedos  
E a noite ora.  
Eu ouço a estranha ladainha  
E ponho os olhos no alto, sonolento.  
Um vento leve começa a descer como um sopro de bênção  
Ora pro nobis...

Os primeiros perfumes ascendem da terra  
Como emanações de calor de um corpo jovem.  
Na treva os lírios tremem, as rosas se desfolham...  
O silêncio sopra sono pelo vento

Tudo se dilata um momento e se enlanguesce  
E dorme.  
Eu vou me desprendendo de mansinho...

A noite dorme.

*Rio de Janeiro, 1933*

## O poeta na madrugada

Quando o poeta chegou à cidade  
A aurora vinha clareando o céu distante  
E as primeiras mulheres passavam levando cântaros cheios.  
Os olhos do poeta tinham as claridades da aurora  
E ele cantou a beleza da nova madrugada.  
As mulheres beijaram a fronte do poeta  
E rogaram o seu amor.  
O poeta sorriu.  
Mostrou-lhes no céu claro o pássaro que voava  
E disse que a visão da beleza era da poesia  
O poeta tem a alegria que vive na luz  
E tem a mocidade que nasce da luz.  
As mulheres seguiram o poeta  
Oferecendo a tristeza do seu amor e a alegria da sua carne  
O poeta amou a carne das mulheres  
Mas não envelheceu no amor que elas lhe davam.  
O poeta quando ama  
É como a flor que murcha sem seiva  
Porque o amor do poeta

É a seiva do mundo  
E se o poeta amasse  
Ele não viveria eternamente jovem, brilhando na luz.

Quando a nova madrugada raiou no céu distante  
O poeta já tinha partido  
E seguindo o poeta as mulheres de peitos fartos e de cântaros cheios  
Falavam de ardentes promessas de amor.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **Judeu errante**

Hei de seguir eternamente a estrada  
Que há tanto tempo venho já seguindo  
Sem me importar com a noite que vem vindo  
Como uma pavorosa alma penada.

Sem fé na redenção, sem crença em nada  
Fugitivo que a dor vem perseguindo  
Busco eu também a paz onde, sorrindo  
Será também minha alma uma alvorada.

Onde é ela? Talvez nem mesmo exista...  
Ninguém sabe onde fica... Certo, dista  
Muitas e muitas léguas de caminho...

Não importa. O que importa é ir em fora

Pela ilusão de procurar a aurora  
Sofrendo a dor de caminhar sozinho.

*Rio de Janeiro, 1933*

## O vale do paraíso

Quando vier de novo o céu de maio largando estrelas  
Eu irei, lá onde os pinheiros recendem nas manhãs úmidas  
Lá onde a aragem não desdenha a pequenina flor das encostas  
Será como sempre, na estrada vermelha a grande pedra recolherá sol  
E os pequenos insetos irão e virão, e longe um cão ladrará  
E nos tufos dos arbustos haverá enredados de orvalho nas teias de aranha.  
As montanhas, vejo-as iluminadas, ardendo no grande sol amarelo  
As vertentes algodoadas de neblina, lembro-as suspendendo árvores  
(nas nuvens  
As matas, sinto-as ainda vibrando na comunhão das sensações  
Como uma epiderme verde, porejada.  
Na eminência a casa estará rindo no lampejar dos vidros das suas mil  
janelas  
A sineta tocará matinas e a presença de Deus não permitirá a Ave-Maria  
Apenas a poesia estará nas ramadas que entram pela porta  
E a água estará fria e todos correrão pela grama  
E o pão estará fresco e os olhos estarão satisfeitos.

Eu irei, será como sempre, nunca o silêncio sem remédio das insônias  
O vento cantará nas frinchas e os grilos trilarão folhas secas  
E haverá coxos distantes a cada instante  
Depois as grandes chuvas encharcando o barro e esmagando a erva  
E batendo nas latas vagas monotonias de cidade.

Eu me recolherei um minuto e escreverei: – "Onde estará a volúpia?..."  
E as borboletas se fecundando não me responderão.

Será como sempre, será a altura, será a proximidade da suprema  
inexistência  
Lá onde à noite o frio imobiliza a luz cadente das estrelas  
Lá onde eu irei.

*Rio de Janeiro, 1933*

## **A grande voz**

É terrível, Senhor! Só a voz do prazer cresce nos ares.  
Nem mais um gemido de dor, nem mais um clamor de heroísmo  
Só a miséria da carne, e o mundo se desfazendo na lama da carne.

É terrível, Senhor. Desce teus olhos.  
As almas sãs clamam a tua misericórdia.  
Elas crêem em ti. Crêem na redenção do sacrifício.  
Dize-lhes, Senhor, que és o Deus da Justiça e não da covardia  
Dize-lhes que o espírito é da luta e não do crime.

Dize-lhes, Senhor, que não é tarde!

Senhor! Tudo é blasfêmia e tudo é lodo.  
Se um lembra que amanhã é o dia da miséria  
Mil gritam que hoje é o dia da carne.  
Olha, Senhor, antes que seja tarde  
Abandona um momento os puros e os bem-aventurados  
Desvia um segundo o teu olhar de Roma  
Dá remédio a esta infelicidade sem remédio  
Antes que ela corrompa os bem-aventurados e os puros.  
Não, meu Deus. Não pode prevalecer o prazer e mentira.  
A verdade é o Espírito. Tu és o Espírito supremo  
E tu exigiste de Abraão o sacrifício de um filho.  
Na verdade o que é forte é o que mata se o Espírito exige.  
É o que sacrifica à causa do bem seu ouro e seu filho.  
A alma do prazer é da terra. A alma da luta e do espaço.  
E a alma do espaço aniquilará a alma da terra  
Para que a Verdade subsista.

Talvez, Senhor meu Deus, fora melhor  
Findar a humanidade esfacelada  
Com o fogo sagrado de Sodoma.

Melhor fora, talvez, lançar teu raio  
E terminar eternamente tudo.  
Mas não, Senhor. A morte aniquila – ao fraco a morte inglória.  
A luta redime – ao forte a luta e a vida.  
Mais vale, Senhor, a tua piedade  
Mais vale o teu amor concitando ao combate último.

Senhor, eu não compreendo os teus sagrados desígnios.  
Jeová – tu chamaste à luta os homens fortes  
Tua mão lançou pragas contra os ímpios  
Tua voz incitou ao sacrifício da vida as multidões.  
Jesus – tu pregaste a parábola suave  
Tu apanhaste na face humildemente  
E carregaste ao Gólgota o madeiro.

Senhor eu não os compreendo, teus desígnios.

Senhor, antes de seres Jesus a humanidade era forte  
Os homens bons ouviam a doçura da tua voz  
Os maus sentiam a dureza da tua cólera.  
E depois, depois que passaste pelo mundo  
Teu doce ensinamento foi esquecido  
Tua existência foi negada  
Veio a treva, veio o horror, veio o pecado  
Ressuscitou Sodoma.

Senhor, a humanidade precisa ouvir a voz de Jeová  
Os fortes precisam se erguer de armas em punho  
Contra o mal – contra o fraco que não luta.  
A guerra, Senhor, é em verdade a lei da vida  
O homem precisa lutar, porque está escrito  
Que o Espírito há de permanecer na face da Terra.

Senhor! Concita os fortes ao combate  
Sopra nas multidões inquietas o sopro da luta  
Precipita-nos no horror da avalanche suprema.  
Dá ao homem que sofre a paz da guerra  
Dá à terra cadáveres heróicos  
Dá sangue quente ao chão!

Senhor! Tu que criaste a humanidade.  
Dize-lhe que o sacrifício será a redenção do mundo  
E que os fracos hão de perecer nas mãos dos fortes.  
Dá-lhe a morte no campo de batalha  
Dá-lhe as grandes avançadas furiosas  
Dá-lhe a guerra, Senhor!

*Rio de Janeiro, 1933*